

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO *BALÉ SOBRE OUTROS EIXOS: CONTEXTOS E INVESTIGAÇÕES DO COREÓGRAFO WILLIAM FORSYTHE*, DE ROUSEJANNY DA SILVA FERREIRA

Critical review of the book *Ballet on other axes: contexts and investigations by choreographer William Forsythe*, by Rousejanny da Silva Ferreira

Ana Carolina Alves Bons Olhos¹

anacarolynee@hotmail.com

Instituto Federal de Goiás - IFG
Goiás – Brasil

Balé sobre outros eixos: contextos e investigações do coreógrafo William Forsythe apresenta um estudo detalhado sobre as colaborações do coreógrafo William Forsythe para o cenário da dança atual, principalmente no contexto do balé. Forsythe, coreógrafo norte americano que fez carreira artística em companhias alemãs, buscava uma formação mais crítica do bailarino, onde cada um pudesse ser investigador de sua prática coreográfica. A ascensão desse processo se deu enquanto ele dirigia o balé de Frankfurt, entre as décadas de 1984 até 2004, que foi o ano de sua saída da companhia. Forsythe era um privilegiado dentro da estrutura dos balés estatais, pois diferente de outros coreógrafos ou diretores de balés estatais ele tinha liberdade no seu modo de condução dos processos criativos e nas temáticas de suas obras. Infelizmente esse cenário foi sendo friccionado pela crise econômica do país e também uma pressão epistemológica dos artistas locais adeptos do balé que pressionavam para o retorno de montagens de obras de repertório clássica do balé.

Segundo a autora, “O balé tem se dado como uma arte erudita clássica que nos tempos de hoje carece de análises sobre os seus fazeres” (p. 11) e, são justamente os discursos solidificados do balé que são problematizados no livro: a relação entre prática e teoria, sua sistematização didática e compreensão artística. Para justificar de onde surge a ideia desta pesquisa, Rousejanny aponta na introdução os rastros pessoais de sua carreira artística que a levaram às indagações/relações que norteiam a pesquisa apresentada, e essa exposição nos leva a sensação de proximidade com a autora. O livro é dividido em três incríveis capítulos que se complementam: capítulo um - construções do balé: historiografia,

história e percepções contemporâneas, capítulo dois - - Espaço, tempo e ação de William Forsythe: cruzamentos interdisciplinares e capítulo três - Improvisation Technologies (tecnologias da improvisação): software para o estudo do movimento.

No primeiro capítulo, em síntese, há um recorte em três momentos da história do balé marcados pela tensão e discordância. Isto se dá diante do que a autora chama de “zonas de tensão na história do balé” que se dividem na aparição de três figuras: Jean Georges Noverre (1727-1810, França); Diaghilev (1909- 1929, França) e Willian Forsythe (1949, Estados Unidos - Alemanha).-Desconstruir a ideia de que o balé é uma dança acrítica e de continuidade bucólica é a preocupação da autora. As questões discutidas giram em torno de quem, por que e como se deram as interpretações tão retificadas acerca do balé, imposições e principalmente, os poderes delimitadores que formam esta tradição. E nesse campo da escrita do balé, disponível em língua portuguesa, a maioria do que se tinha (até o momento da publicação) era de caráter pouco crítico, mais focado nas datas cronológicas, figuras célebres e reforço do balé como atividade mecânica e acrobática.

O primeiro ponto de ruptura apontado aconteceu no séc. XVIII, o estudioso do balé, Jean Georges Noverre que refletia sobre técnica, expressividade e natureza, algo que ele chamou de “dança capaz de falar a alma” (NOVERRE, 1760, apud MONTEIRO, 1998, p. 117) que é o resultado de descontentamentos acerca de alguns pontos importantes como o processo didático do balé, uso de máscaras para construção de personagens etc. O segundo ponto traz a Companhia Francesa *Ballets Russes de Diaghilev*, criada em meados de 1909. A companhia era interessada na criação de formas modernas de balé e nas discussões filosóficas modernas da arte aplicadas a dança. Eles questionavam os modos artísticos e a extrema dureza dos conservatórios de balé, principalmente os russos. E foi justamente neste âmbito que ocorreu a polêmica história da obra *Sagração da Primavera* de Vaslav Nijinsky que foi um marco revolucionário do balé na modernidade.

O terceiro ponto, que em minha opinião são chaves para melhor entender o livro, são as ideias de balé de William Forsythe. Ele quem pesquisou os cruzamentos que a tradição do balé poderia desenhar na conjuntura contemporânea de dança, propondo pesquisas sobre os percursos do movimento no balé, mudança na dinâmica de ações como aceleração e desaceleração, mudanças bruscas de direção para passos já estabelecidos e a exploração dos desequilíbrios e erros no balé.

Forsythe trouxe fagulhas acerca dos conceitos e da criação coreográfica que até hoje são importantes, necessárias e ainda, pouco exploradas (principalmente no Brasil), como potências para lidar com esse conhecimento.

A interdisciplinaridade é um ponto latente no trabalho de Forsythe. Ele buscou diferentes relações como: nos estudos do movimento feitas por Rudolf Laban, no conceito de descentralização discutido pelo filósofo Jacques Derrida, relações entre corpo e poder levantadas por Michael Foucault e na arquitetura desconstrutivista de Daniel Libeskind, relações entre dança e tecnologia e tudo isso contribuiu para o rompimento de arquétipos e a busca por outras estratégias de ocupação do espaço e corpo contemporâneo que pratica balé. Seu investimento de teoria crítica certamente, conduziu a técnica do balé e o modo de coreografar a um novo patamar artístico.

O balé apresenta-se aqui como uma experiência que não tem como foco primordial a beleza do movimento coreográfico e/ou a permanência de códigos tradicionais elucidados em seu período áureo. Forsythe afirma que “a estética do balé está lá por várias razões complexas não apenas para entreter ou agradar” (FORSYTHE apud BROWN, 2009, tradução da autora, p. 34). Deste modo, há um desafio no sentido de reelaborar o modo como se lida com estereótipos e hierarquias construídas no enunciado de quem produz e escreve essa dança. Procura-se por um balé que possa ir além de exclusividades e transmissões de pensamentos antigos e Forsythe sugere respostas a essas urgências. Deste panorama de pensamento e contexto, vem a ideia do método de investigação de movimento, *Improvisation Technologies* (Tecnologias da Improvisação).

No segundo capítulo apresenta-se um arcabouço teórico a partir, principalmente, dos estudos da performance e da dança como campo de pesquisa. As investigações do teórico da dança, André Lepecki, norteiam essa parte do livro, e são apontadas duas questões principais para a discussão: a dança como ponto de exaustão na modernidade, que discute como a dança pós moderna buscou estéticas que se distanciassem do código formalizado de “movimento de dança”, questões como a supervalorização da potência física dos bailarinos, a espetacularização alcançada com os balés de repertório e as companhias de danças modernas. O segundo ponto é a Coreopolítica. Como repensar a coreografia tal como uma ação política? Percebendo que existe um chão cheio de rachaduras/problematizações

que o balé ao longo dos anos propôs na qualidade de chão liso, cheio de encobrimentos políticos e estéticos!

De acordo com a autora Forsythe propõe “Uma discussão do balé, provocando-o como uma dança inquieta que pensa contemporaneamente seus fazeres” (p.54). E esse pensar significa desafiar narrativas estáveis, questionar culturas modelares e desestabilizar princípios absolutos, compreendendo a condição de perguntar (arte que é feita durante todo o livro).

Desse modo, percebemos a arte do balé como um processo indefinido heterogêneo e em permanente busca de seus sentidos. Em sentido contrário à tradição, nos códigos, bases para construir, reelaborar e reinventar a sua arte, é uma tensão entre o que já foi criado e o que está por vir.

Dito isso, conclui-se que “Forsythe não propõe o abandono ou negação das construções artísticas desenvolvidas no balé, mas enxerga-o como uma conexão cinética com o mundo”. (p. 52), como ideia, e não somente como vocabulário fechado. Há uma passagem muito importante para esta compreensão que diz: “Você não faz um arabesque, o arabesque existe como ideia. O que você faz é processar o arabesque, mover-se por ele, e se sustentar pela maior ou menor parte do tempo” (FORSYTHE apud SIEGMUND, 2011, p. 28, tradução da autora 38).

No terceiro capítulo se apresenta a abordagem forsytheana relação corpo-espaco-ação, através do método *Improvisation Technologies*, que são produções coreográficas de Forsythe, que instrumentalizam a análise de movimentos tanto do balé como de outras danças.

A exploração de movimentos via tecnologia e a possibilidade de improvisação foram o que impulsionaram Forsythe a criar sua ferramenta. O método é composto por sessenta e cinco “tarefas” apresentadas em vídeo por William Forsythe e organizados em quatro categorias de ação: *Writing* (Escrita), *Reorganizing* (Reorganização), *Lines* (Linhas) e *Additions* (adicionais). O capítulo segue esmiuçando os estudos de corêutica que influenciaram neste método e, principalmente, o trabalho de tradução para o português, descrição e análise das tarefas propostas no método. A possibilidade de bailarinos de balé clássico poderem investigar a dança independente da presença dele era uma inovação muito grande para a época.

A autora finaliza o livro com uma reflexão crítica e detalhada de todos os capítulos, fortalecendo os ideais de persistência, insistência e paciência quanto às discussões passadas, presentes e futuras do balé. Ao concluir a leitura desse militante livro, penso: como o dito “clássico” tem dificultado perceber quantos balés existiram e existem até hoje. Reflito sobre uma questão: como ainda existem escolas e instituições que perpetuam esse pensar estético, político e artístico sedimentado, simplesmente porque, ao meu ver, é mais cômodo e menos arriscado pensar a parte da tradição. Assim como em outras linguagens da arte, o balé se transformou. São diferentes bailarinos, em diferentes esferas que anseiam dançar/produzir balés heterogêneos. Discussões relacionadas a técnicas, metodologias, composições coreográficas precisam ser fomentadas, para que exista balés cheios de possibilidades, precisamos reconhecê-lo, e com isso quero dizer, reconhecer na dança dos nossos pares, na docência do professor que não vem da escola famosa, na coreografia que não foi premiada. Faço das palavras da autora, as minhas: a discussão que Forsythe levanta e a criação do *Improvisation Technologies* facilitam/transportam o bailarino em autoridade de sua dança, como investigador de seu balé e esse processo deve ser feito desde do início de sua formação. Não perpetuemos por não saber, perguntemos até que saibamos e a partir disso, reflitamos e criemos nossos próprios caminhos, pois como já dizia Aristóteles: “O ignorante afirma, o sábio duvida, mas o sensato reflete.”

Referência

FERREIRA, Rousejanny da Silva. *Balé sobre outros eixos: contextos e investigações do coreógrafo norte-americano William Forsythe (1949) entre 1984 e 1994*. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ⁱ Graduanda do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás.